

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Especialização em Teoria Psicanalítica

Vera Lúcia Cristina da Silva

RELAÇÃO MÃE-FILHA:
Vicissitudes da sexualidade feminina

Belo Horizonte

2017

Vera Lúcia Cristina da Silva

**RELAÇÃO MÃE-FILHA:
Vicissitudes da sexualidade feminina**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Teresa de Melo
Carvalho

Belo Horizonte

2017

Vera Lúcia Cristina da Silva

**RELAÇÃO MÃE-FILHA:
Vicissitudes da sexualidade feminina**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teoria Psicanalítica.

Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho (Orientadora) – UFMG

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Belo Horizonte, 30 de maio de 2017.

Dedico este trabalho à minha família, principalmente aos meus pais, que sempre me incentivaram com palavras de ânimo, e por serem o começo de tudo...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha família, aos mestres, aos colegas, em especial, à professora e orientadora Maria Teresa de Melo Carvalho, pela sua generosidade na transmissão de conhecimentos sobre a Psicanálise no decorrer do curso; e, por sua atenciosa orientação: desde o início, de modo muito generoso, acolheu meu pedido e minhas escolhas, para trajetória deste trabalho. Aos professores: Alberto Luís Rodrigues Timo e Cassandra Pereira França meu agradecimento, pela leitura deste trabalho.

“O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza... O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu...” (Carlos Rodrigues Brandão, 1986).

RESUMO

De acordo com os escritos freudianos, a fase primordial, exerce influência crucial na constituição psíquica da criança, tanto para meninas como para meninos. Freud nomeia a mãe como primeira sedutora e primeiro objeto de amor para a criança de ambos os sexos. Contudo, ao explicar o desfecho dessa vinculação primordial, na fase da triangulação universal do Édipo, se deparou, não sem surpresa, com a especificidade no funcionamento psíquico da menina. Descobriu que a ligação da menina à mãe na fase pré-edipiana, estende-se por mais tempo que a do menino. Descreve não sem surpresa, que diferentemente do menino, cujo primeiro objeto amoroso é a mãe e posteriormente continua sendo, a tarefa da menina na troca do seu objeto original, a mãe, pelo pai, se mostra com vicissitudes psíquicas específicas. Analisa o complexo de Édipo feminino, e, constata que a menina o vivencia em etapas diferentes das do menino. Durante sua tentativa de compreensão dos desdobramentos e efeitos psíquicos dessa relação, assinala que o afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade. Constatou que a vinculação da menina à mãe, termina em ódio. Advertiu que este ódio pode durar toda a vida, ou ser supercompensado posteriormente, ou uma parte superada, ao passo que uma parte restante persiste. Considerou como motivo crucial para a hostilidade da menina para com sua mãe, o fato desta não ter dado à sua filha um pênis. Freud construiu tal pensamento baseado sobre o paradigma falocêntrico vigente em seu tempo. Psicanalistas contemporâneos, ao conceberem a ideia de que o inconsciente e a pulsão são historicamente adquiridos e indissociáveis do mundo humano e da comunicação inter-humana, apontam novas leituras Psicanalíticas sobre a sexualidade feminina, por considerarem este modelo uma construção sócio histórica, passível de crítica e transformação.

Palavras-chave: Relação mãe-filha. Amor-ódio. Efeitos psíquicos. Ligação primordial.

Psicanálise.

ABSTRACT

According to the writings of Freudian, the primary phase, exercises influence crucial in children's psychic Constitution, both for girls and for boys. Freud appoints mother as seductive and first love object for the child of both sexes. However, in explaining the outcome of this primary binding, at the stage of universal triangulation Oedipus, if encountered, not without surprise, with the specificity in psychic functioning. He discovered that the girl to the mother in the pré-edipiana phase stretches longer than the boy. Describes not without surprise that unlike the boy, whose first love object is the mother and later still, the task of the girl in Exchange for your original object, the mother, father, shown with specific psychological vicissitudes. Analyzes the Oedipus complex, and notes that Miss the experience in different stages of the boy. During your attempt of understanding the developments and psychic effects of that relationship, notes that the move away from the mother, the girl, is a step that accompanies hostility. Found that the binding of the girl to her mother, ends in hate. Warned that this hatred can last a lifetime, or be overcompensated later, or overcome, while a remaining part persists. Considered as crucial for the removal and hostility of the girl to your mother, the fact that this doesn't have given her daughter a penis. Freud built such a thought based on the paradigm of phallogocentric mode your time. Contemporary psychoanalysts, to conceive the idea of the unconscious and the drive are historically purchased and inseparable from the human world and inter-humana communication, suggest new readings of Psychoanalytical about female sexuality, consider this a construction partner model to historical criticism and transformation.

Keywords: Mother-daughter relationship. Love-hate. Psychic effects. Primary connection. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES PRIMORDIAIS EM FREUD: A MÃE COMO PRIMEIRA SEDUTORA E PRIMEIRO OBJETO DE AMOR.....	11
2 O ÉDIPO E COMPLEXO DE CASTRAÇÃO NA MENINA EM FREUD.....	18
3 O AMOR-ÓDIO E A DIMENSÃO NARCÍSICA NA RELAÇÃO MÃE E FILHA.....	24
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa versaremos sobre a relação mãe-filha, partindo de escritos freudianos. Consideramos como objetivo principal deste trabalho uma compreensão dos efeitos psíquicos, apontados por Freud no afastamento desta ligação, a saber, a ambivalência amor-ódio da menina para com a mãe, com repercussões diretas na constituição da sexualidade feminina e que podem perdurar para o resto da vida.

Temos o interesse de compreender as vicissitudes psíquicas, da estendida ligação da menina à mãe, na fase pré-edípica, bem como analisar as contribuições e os impasses que Freud trouxe ao descrever o processo de separação desta tão intensa e complexa vinculação.

É sabido que o momento histórico no qual Freud construiu seu pensamento era marcado pela vigência do falocentrismo, o que resultou em o mesmo em colocar o homem numa posição hierárquica superior em relação à mulher em suas formulações teóricas.

Na contemporaneidade, tal paradigma tem sido posto radicalmente em discussão sendo que leituras Psicanalíticas atuais consideram que este modelo tratou-se de uma construção sócio histórica, portanto é passível de crítica e transformação. Autores pós-freudianos nos apresentam novas leituras sobre a constituição da sexualidade feminina, e contrapondo-se ao modelo de superioridade do falo cunhado por Freud, acompanham as mudanças socioculturais, relacionais e das subjetividades, e, principalmente as grandes mudanças, conquistas de autonomia e liberdade das mulheres desde a época do mesmo até os tempos de hoje.

O grande valor atribuído por Freud à primeira infância pode ser considerado como uma das características fundamentais na sua compreensão da constituição do psiquismo. Cenas e lembranças dos primeiros anos de vida de seus pacientes estão presentes na sua obra, desde os seus primeiros escritos. Percebemos que, ao nos descrever suas análises, sempre nos remeteu à realidade psíquica desses pacientes, por meio das lembranças e ou fantasias dos primeiros anos de vida. Eram os conteúdos do infantil que se mostravam para ele como determinantes na vida mental adulta.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/ 2006), assinalou que, em nenhuma outra época da vida, a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância. Podemos dizer que, nesses primeiros anos de vida, são as figuras parentais, que geralmente se relacionam em tempo integral com a criança, por isso, são encarregadas de lhe transmitir tudo aquilo que a mesma precisa para se inserir na cultura humana. Freud mencionou em várias de suas passagens, que justamente nesses primeiros anos

da vida, em que, a criança é ajudada em seu desamparo, e, satisfeita em suas necessidades, que ela aprende a amar.

Para *Laplanche (1987-1992)*, esse momento, em que o bebê se encontra em estado de total desamparo frente ao adulto, ele se encontra aberto ao mundo e a todos os estímulos que se impõem a ele; é passivo frente às invasões provenientes do ambiente e desses adultos habitados, em seu inconsciente, por uma sexualidade desviante. Este autor concebeu a ideia de situação antropológica fundamental para esse período da existência humana. Assinalou que é aí que se instaurará a pulsão e o inconsciente. Nesta perspectiva, a passividade da criança, frente ao adulto, é o fato fundamental sobre o qual se constituirá o psiquismo.

Desse modo, considerando a ideia de que os primeiros anos de vida são momentos de nossa constituição psíquica em que somos completamente moldados pelos cuidados e pela sexualidade inconsciente dos adultos, geralmente os cuidadores, acreditamos que se torna necessário, cada vez mais no campo da Psicanálise, pesquisas que abordem tal assunto. Acreditamos que a origem e a natureza do inconsciente são indissociáveis do mundo humano e da comunicação inter-humana. Priorizamos neste trabalho uma compreensão da relação mãe e filha.

Cabe destacar que, a escolha do tema, partiu da prática profissional. Foi por meio da observação clínica em atendimentos pontuais de mães e filhas, e com recorrência as mães se posicionavam nesta ocasião, com demonstrações ora, de amor excessivo, ora de abandono. Desta observação, surgiu o interesse em aprofundar o conhecimento nesse arcabouço da intersubjetividade mãe-filha, na tentativa de compreender a complexidade dessa relação.

No primeiro capítulo, abordaremos, de forma breve, algumas passagens em que Freud descreve a importância das relações primordiais na constituição do psiquismo. Nessas passagens, nomeia a mãe como primeira sedutora e primeiro objeto de amor da criança de ambos os sexos. Descreve com surpresa, sua descoberta da estendida duração da ligação da menina à mãe na fase pré-ediapiana, diferentemente dos meninos.

No capítulo 02 discutiremos sobre o complexo de Édipo e castração nas meninas. Freud considera o complexo de Édipo nas meninas, difícil e complicado, quando comparado ao dos meninos. Descreve o percurso que a menina terá que fazer para o afastamento da mãe e entrada no Édipo. Sua conclusão aponta os efeitos psíquicos deste processo, uma catástrofe, em que o ódio da filha pela mãe pode perdurar para o resto da vida, por esta mãe não ter lhe fornecido um pênis.

No capítulo 03 trataremos a questão da ambivalência amor-ódio na perspectiva de concepções pós-freudianas. Os autores apresentam novas leituras que contrapõem a ideia de

superioridade do falo em Freud. Expõem a ideia da Identificação feminina primária, para explicar os efeitos psíquicos da dificuldade de separação na relação mãe e filha.

Em conclusão, abordaremos uma reflexão sobre a magnitude da metapsicologia Freudiana, e de sua valiosa contribuição para mudança sobre a concepção da sexualidade humana, e, sobretudo, da influência das aberturas deixadas em sua teoria para as novas descobertas e formulações da Teoria Psicanalítica.

CAPÍTULO 01: A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES PRIMORDIAIS EM FREUD: A MÃE COMO PRIMEIRA SEDUTORA E PRIMEIRO OBJETO DE AMOR.

Ao percorrermos as formulações metapsicológicas de Freud, é possível compreendermos que o mesmo sempre atribuiu importância fundamental às relações primordiais da criança, desde a gênese da Psicanálise. Podemos dizer que foi do resultado de suas primeiras práticas clínicas com as histéricas que ele constatou que estas pacientes sofriam de reminiscências de acontecimentos vividos justamente na fase de suas infâncias.

Igualmente, foi ao escutar estas mesmas histéricas que traziam à tona em suas análises, cenas e lembranças vividas nos seus primeiros anos de vida, que Freud construiu suas formulações teóricas, como é o caso da teoria da Sedução (1896/2006) a que inicialmente conferiu a fundamentação para a etiologia das neuroses. Na condução do tratamento, confirmou que os sonhos e sintomas que estas pacientes histéricas lhe traziam procediam de conteúdo sexual, e continham referências a acontecimentos externos funcionando, em algum plano, como representações desses acontecimentos. O que Freud concluiu nestes primeiros achados é que, as histéricas, em suas infâncias, tinham sido vítimas de uma sedução sexual real exercida por um adulto, geralmente o pai, e tendo este fato um caráter traumático, era recalçado e transformado em patologia. Neste sentido, podemos perceber que a principal conjectura que sustentava a clínica Freudiana da histeria, nesta ocasião, era a ideia do trauma psíquico e seu conteúdo sexual, em decorrência de uma sedução, geralmente, paterna.

No entanto, é sabido que Freud foi impelido a abandonar esta direção de pensamento. Acreditamos que os motivos que o levaram a abdicar dos pressupostos de sua teoria, estiveram intrincados a várias implicações ético-teóricas, quando nos deparamos com sua correspondência de número 69 a Fliess (1897/2006), em que o mesmo fez revelações claras nestes escritos dos motivos da descrença em sua neurótica. Freud apontou a Fliess contínuos desapontamentos em sua tentativa de fazer com que suas análises chegassem a uma conclusão real; admitiu não se assegurar de ter êxitos completos dos relatos de suas pacientes; revelou ter descoberto que no inconsciente não se consegue distinguir entre a realidade e a ficção; ponderou sua constatação de que o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, e, sobretudo, admitiu que para prosseguir com os pressupostos desta teoria, acarretaria a surpresa de incluir praticamente todos os pais na lista de perversos, tornando assim o número de pais perversos compatível com o número das neuróticas histéricas.

No entanto, é inegável que estas primeiras postulações teóricas tenham culminado em repercussões cruciais e ao mesmo tempo paradoxais para a Psicanálise. Se de um lado

podemos afirmar que estas compreensões trouxeram contribuições fecundas para a Teoria Psicanalítica, por terem deixado evidenciado a constituição da sexualidade infantil a partir do outro e não de modo espontâneo e endógeno; do outro, acreditamos que o prosseguimento de Freud com tais convicções significaria grande obstáculo para entrada em cena da universalidade do inconsciente por meio do Édipo e da existência da sexualidade infantil.

Com o abandono por Freud da teoria da Sedução, no lugar de uma cena originária real que teria ocasionado o trauma, o desenvolvimento da teoria da sexualidade infantil e a passagem para a fantasia, tornaram-se fundamentos essenciais na sua teoria Psicanalítica. Contudo, corroboramos as ideias de Jean Laplanche (1985), autor da Teoria da Sedução Generalizada, quando o mesmo assinalou que Freud até o fim de sua obra continuou defendendo a realidade das cenas de sedução, voltando frequentemente a isso, porém com modificações de suas constatações. Para Laplanche, independentemente das cenas da sedução pelo pai e da sedução claramente genital, é à sedução dos cuidados maternos que Freud se referiu muitas vezes em sua obra como ao seu primeiro modelo, ou seja, uma relação intersubjetiva como instância causadora do trauma psíquico.

É possível constatar a pertinência desta afirmação de Laplanche (1985), quando encontramos nos registros de Freud, posteriores à Teoria da Sedução (1896), passagens em que o mesmo destaca a sedução materna quase como um acontecimento universal. Destes escritos posteriores a 1897, pode-se deduzir que da sedução dos cuidados maternos não escapa praticamente nenhum ser humano. Freud deixa evidenciado, nas referidas passagens, que, geralmente as mães, são as primeiras sedutoras da criança mesmo sem compreenderem o que fazem, e aponta constatações de que o amor desta mãe pelo seu infante é muito mais profundo quando o mesmo é ainda um bebê submetido aos seus cuidados e amamentado por ela.

Destacamos aqui passagens dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905 /2006) e de *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/ 2006) em que Freud nos apresenta, de maneira bem detalhada, a mãe como figura principal da sedução precoce da criança.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/ 2006), Freud salientou que é na primeira e mais vital das atividades da criança, o mamar no seio materno, ou em seus substitutos, que o bebê tem suas primeiras experiências de prazer. Segundo o mesmo, no ato de mamar, os lábios da criança comportam-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite tornam-se sem dúvida origem de sensação prazerosa. Ainda, nestes

mesmos escritos, ele nos aponta que o cuidado com a criança pela pessoa que a assiste, geralmente a mãe, é para ela uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas. Salienta-nos que a mãe ao cuidar do seu bebê, contempla este infante com sentimentos derivados de sua própria vida sexual quando ela o acaricia, beija e o embala como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo.

Nas postulações sobre *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/2006), encontramos constatações semelhantes às que Freud descreveu nos Três Ensaio, sobre a sedução materna, quando o mesmo analisou um trecho nos apontamentos científicos de Leonardo em que este insere um fragmento de informação sobre sua infância. Segundo Freud, numa passagem acerca do voo dos abutres, Leonardo se interrompeu subitamente e iniciou a descrição de uma lembrança que o mesmo alegou que guardava como uma de suas primeiras recordações. Descreveu que, estando em seu berço, um abutre desceu sobre ele, abriu-lhe a boca com sua cauda e com ela fustigou-lhe repetidas vezes os lábios.

Sobre esta recordação da infância de Leonardo, Freud inicialmente ressaltou se tratar, sem dúvida, de uma natureza bem estranha. Porém, segundo o mesmo, do ponto de vista psicanalítico, a fantasia de Leonardo acerca do abutre não pode ser considerada tão estranha assim, uma vez que encontramos casos semelhantes em situações diferentes, como por exemplo, nos sonhos. Ademais, segundo Freud, é deste modo que muitas vezes se originam as lembranças da infância, muito diferentes das lembranças conscientes da idade adulta. Para o mesmo, muitas vezes, as lembranças da infância não se fixam no momento da experiência para mais tarde serem repetidas, somente surgem muito mais tarde, quando a infância já acabou. Contudo, nesse processo, sofrem alterações e falsificações de acordo com o interesse de tendências ulteriores, de maneira que, de um modo geral, não poderão ser claramente diferenciadas de fantasias.

Em sua decisão para a análise desta fantasia de Leonardo, Freud nos esclareceu que assim como um conjunto de lendas, tradições e interpretações encontradas na história primitiva de uma nação, mesmo a despeito de todas as distorções e mal entendidos, eles ainda representam a realidade do passado. Do mesmo modo, para ele, o que alguém crê lembrar-se da infância, não pode ser considerado com indiferença. Na concepção de Freud, os restos de recordações, que uma pessoa tem, que nem mesmo ela própria os compreende, encobrem valiosos testemunhos dos traços mais importantes de seu desenvolvimento mental. Desse modo, para o mesmo, analisar esta fantasia da infância teve o objetivo de separar o elemento mnêmico real que ela continha dos motivos posteriores que a modificaram e distorceram.

Em sua tradução desta linguagem fantasística, Freud nos revelou se tratar de um conteúdo erótico. Compreendeu o que encerrava esta fantasia tratava-se meramente de uma reminiscência de Leonardo do ato de sugar o seio de sua mãe. No desdobramento de sua tradução, esclareceu-nos que nos hieróglifos do antigo Egito, a mãe era representada por um abutre e este era o símbolo da maternidade. Apontou que os egípcios também veneravam uma Deusa-Mãe que era representada pela imagem de um abutre, cujo nome era pronunciado Mut que também tinha semelhança com a palavra Mutter (mãe). Segundo o ponto de vista de Freud, como Leonardo era um intelectual praticante de muita leitura e tinha interesse estendido a todos os ramos da literatura e do saber, era admissível que o mesmo conhecesse tal fábula científica responsável pelos egípcios em usar a figura do abutre para representar a ideia de mãe. Outra suposição de Freud acerca do conhecimento de Leonardo da lenda do abutre, é que segundo o mesmo, o exemplo de que todos os abutres eram fêmeas, e podiam reproduzir sem a ajuda de qualquer macho, foi bastante divulgado em sua época, pelo fato ter sido adotado pelos padres da igreja afim de servir de prova para os que pusessem em dúvida a história da virgindade da mãe de Deus nas Sagradas Escrituras.

Ainda numa continuação da análise da fantasia infantil de Leonardo, Freud revelou que o fato do mesmo dizer que o abutre fustigou muitas vezes sua cauda contra seus lábios, sugeriu a descrição de um ato sexual, sendo que o mesmo acentuou a intensidade das relações eróticas entre mãe e filho. Da atividade da mãe (abutre) com a dominância da zona bucal, traduziu que a lembrança de Leonardo era de que a mãe o teria beijado apaixonada e repetidamente na boca. Para Freud, a fantasia de Leonardo surge exatamente da lembrança de ser alimentado no seio e de ser beijado pela mãe.

O que Freud concluiu, foi que as circunstâncias acidentais da vida deste célebre homem que o levaram a um convívio exclusivo e entregue à carinhosa sedução de sua mãe, durante seus primeiros cinco anos de vida, tiveram sobre ele um efeito profundo e perturbador. Freud ressaltou em vários momentos de sua análise desta fantasia, que estas circunstâncias, tiveram influência decisiva na formação do caráter e na sorte do destino de Leonardo, pois conforme constatou o mesmo, a repressão sexual que se estabeleceu depois desta fase de infância, levou Leonardo a sublimar sua libido na ânsia de saber e estabelecer sua inatividade sexual para o resto de sua vida. Segundo Freud, somente um homem que tivesse passado pelas experiências infantis de Leonardo, poderia ter produzido suas obras e ter embarcado numa carreira tão extraordinária de cientista.

Em linhas gerais, podemos dizer que o objetivo desta análise de Freud sobre a fantasia infantil de Leonardo da Vinci, foi o de mostrar que as lembranças ininteligíveis da infância de

uma pessoa, as fantasias que dela resultam, invariavelmente gravam os elementos mais importantes do seu desenvolvimento mental. Desse modo, o episódio confirmado pela fantasia do abutre, de que Leonardo passou os primeiros anos de vida sozinho ligado à relação amorosa com sua mãe, para Freud, foi o que exerceu influência decisiva na formação de sua vida interior e por toda vida adulta, bem como diretamente no seu trabalho artístico e científico.

Retomando a ideia de Laplanche (1985), em sua afirmação de que Freud não abandonou a realidade das cenas de sedução, podemos expressar a ideia deste autor, segundo a qual é da relação intersubjetiva primitiva, mãe-criança, que surgiria o sentido mais profundo da Teoria da Sedução e igualmente considerou que foi o que Freud atribuiu à própria noção de sedução. Para Laplanche, além da materialidade dos gestos excitantes, devemos considerar que independentemente de tal vivência contingente e fugitiva, é a intromissão no universo da criança, de certas significações do mundo adulto que é veiculada pelos gestos aparentemente mais cotidianos e mais inocentes.

É inegável que Freud prosseguiu no percurso de um crescente interesse em demonstrar por meio de suas formulações teóricas, a importância das primeiras relações amorosas infantis, e suas consequências na constituição da sexualidade e nas experiências posteriores na vida adulta. Assim como ele nos esclareceu que, a mãe, geralmente se destaca como primeiro agente da sedução do bebê ainda nos seus tenros meses de vida, por meio das funções de cuidados e alimentação, sobretudo, a amamentação no seio materno e ou substitutos, ele também nos indica, que a mãe, se torna o primeiro objeto sexual de sua criança pelo contato desta com o seio materno.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/ 2006) afirmou que o primeiro objeto de amor de todos os seres humanos, geralmente é a mãe. Caracterizou um estado original da sexualidade infantil, observando que a atividade sexual apoia-se primeiramente na amamentação, que é uma das funções que servem à preservação da vida, e só depois se torna independente dela. O mesmo atribuiu à fase da amamentação o status de um vínculo sexual dos mais importantes para a criança. Ademais, segundo Freud, é nesta fase que a mãe ensina seu filho a amar, e está cumprindo sua tarefa de transformá-lo num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, para que o mesmo possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. Neste sentido, afirmou que não é sem boas razões, que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos.

Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914/ 2006), Freud expressou igualmente, como o fez em *Três ensaios*, que os primeiros objetos sexuais de uma criança, são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidado e proteção, isto é, no primeiro caso a mãe, ou quem quer que a substitua. Trouxe nestes escritos a mesma ideia de que as primeiras satisfações auto eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação.

Mais tarde, em *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938] / 2006), retornou a este mesmo assunto, assinalando que o primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta, sendo que para ele, a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Apontou que, não havia dúvidas de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo. Somente depois, é que este primeiro objeto é completado na pessoa da mãe, que não apenas alimenta esta criança, mas também cuida e lhe desperta certo número de outras sensações físicas agradáveis e desagradáveis.

Podemos concluir destes apontamentos que na relação da criança com o seio materno, e também nas sensações físicas prazerosas e desprazerosas provocadas pelos cuidados da mãe para com a criança, reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores para ambos os sexos.

Desse modo, consideramos fundamental a importância que Freud atribuiu ao amor primordial materno na constituição psíquica dos filhos. Constatamos que o mesmo admitiu e destacou que, geralmente, a mãe é a primeira sedutora e primeiro objeto sexual responsável por investimentos libidinais fundamentais na transmissão de afetos e constituição da sexualidade para ambos os sexos. Entretanto, é notório em sua obra, que, inicialmente, o mesmo não contava que o desfecho desta vinculação primordial, na fase da triangulação universal do Édipo, ou seja, na entrada em cena de um terceiro, acarretaria em destinos específicos para meninos e meninas. Freud expressou com surpresa, sua descoberta de que diferentemente do menino, cujo primeiro objeto amoroso foi mãe e posteriormente continua sendo, a tarefa da menina na troca do seu objeto original, a mãe, pelo pai, se mostrou como uma incógnita e com vicissitudes psíquicas específicas.

É sabido que Freud, durante todo seu percurso clínico e teórico não silenciou sua dificuldade na compreensão do desenvolvimento da sexualidade feminina. Neste sentido, ao tentar decifrar o enigma da feminilidade, ele se deparou com a complexidade da separação da relação primordial de uma filha com sua mãe.

Em *Sexualidade Feminina* (1931/2006), confessou ter ficado impressionado com a sua descoberta de que havia uma ligação intensa e apaixonada da menina à sua mãe na fase pré-edipiana, e admitiu ainda, ter subestimado a duração desta ligação. Saliou ter constatado que desta ligação primeira da menina com sua mãe, havia uma dificuldade de separação e de troca de objeto para investimento de amor no pai, incidindo diretamente na constituição de sua sexualidade feminina. Mais adiante em *Feminilidade* (1933 [1932]/2006) Freud declarou que foi durante suas observações clínicas que descobriu que o afastar-se da mãe, no caso da menina, é um passo que se acompanha de hostilidade. Constatou que a vinculação da menina à mãe, termina em ódio. Advertiu que este ódio pode durar toda a vida, ou ser supercompensado posteriormente, ou uma parte superada, ao passo que uma parte restante persiste. Tais efeitos psíquicos, produzidos na menina, desta estendida, e tão complicada ligação à mãe, Freud designou como catástrofe.

Constatamos, por fim, que, a fase primordial, exerce influência crucial na constituição psíquica da criança, tanto para meninos como para meninas. Podemos dizer que, foi ao ter se deparado, não sem surpresa, com a especificidade no funcionamento psíquico da menina, durante a ligação primordial à mãe, e durante sua tentativa de compreensão dos desdobramentos e efeitos psíquicos dessa relação, que Freud analisou o complexo de Édipo feminino. Constatou que a menina o vivenciava em etapas diferentes das do menino.

CAPÍTULO 02: O ÉDIPO E COMPLEXO DE CASTRAÇÃO NA MENINA, EM FREUD.

É inegável que o feminino sempre se apresentou para Freud como algo ligado ao desconhecido e obscuro. Fica evidente ao longo de sua obra que todas as suas descobertas sobre a sexualidade feminina lhe chegaram como uma surpresa e espanto por manifestarem especificidades em relação ao seu ponto de vista de referência, o masculino. Apesar disso, torna-se possível dizer que o mesmo se interessou e se esforçou na tentativa de explicar as particularidades da sexualidade feminina, bem como a dissolução do Édipo e do complexo de castração nas meninas.

Encontramos várias declarações de Freud, acerca da sua incompreensão referente à constituição psíquica das mulheres, sobretudo, no que diz respeito ao complexo de Édipo nas meninas, que considerou difícil e complicado se comparado ao dos meninos. Segundo o pensamento freudiano, o processo Edípico feminino se torna complicado pelo fato de que, as meninas, ao longo do seu desenvolvimento, precisam realizar dois trabalhos distintos que incidem na troca do objeto original, a mãe pelo pai, e na tarefa de abandonar a zona genital original, o clitóris, em favor da vagina.

No que se refere à tarefa de troca de objeto original, a mãe, pelo pai, podemos dizer baseados em *Sexualidade Feminina* (1931/2006), que foi durante as investigações clínicas que a complexidade na relação de mãe e filha na fase pré- edípica se apresentou para Freud intensamente. Chegou a mencionar, nestes escritos, que sua compreensão interna desta fase primitiva nas meninas, lhe parecia como uma descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia.

Assinalou ainda, nestas postulações que durante a fase do complexo de Édipo, a criança é ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do próprio sexo é predominantemente hostil. Admitiu que, no caso do menino, este processo não é difícil de explicar: O primeiro objeto amoroso do menino é a mãe, e continua sendo; na intensificação de seus desejos eróticos e na sua compreensão interna mais profunda das relações entre o pai e a mãe, o pai fica fadado a se tornar seu rival. No entanto, com a menina, constatou que é diferente, uma vez que também seu primeiro objeto de amor é a mãe.

Em relação à menina, Freud encontrou dificuldades em explicar a separação da relação primordial desta, de sua mãe, e expressou abertamente sobre sua dificuldade e o seu desejo em compreender este funcionamento feminino. A natureza das relações libidinais da menina para com sua mãe, e como esta filha passava desta ligação, para uma vinculação com o pai, se

apresentaram para Freud como uma esfinge. Neste ponto de suas investigações, nos deparamos com vários questionamentos como? Quando? E porque a menina se desliga da mãe? Como encontra o caminho para o pai?

Na tentativa de tornar claro em suas análises, esta compreensão da primeira ligação da filha com sua mãe e de como se dava a separação das mesmas, Freud expôs que são vários fatores que levam ao afastamento da menina de sua mãe. Mencionou em seus textos *Sexualidade Feminina* (1931/2006) e *Feminilidade* (1933 [1932]/2006), em que tratou de maneira especial deste assunto, que são eventos de anos subsequentes que naturalmente influenciam na desvinculação da menina de sua mãe.

Ao longo desses escritos, podemos observar que Freud destacou que se trata de uma longa lista de queixas e acusações da filha contra sua mãe, desde a época mais remota de seu desenvolvimento, que supõe justificarem os sentimentos hostis e afastamento da mesma. Sendo assim, podemos dizer que para o mesmo, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante difícil e demorado.

No arcabouço dos vários motivos apresentados por Freud, como determinantes para o afastamento da menina de sua mãe, em *Sexualidade Feminina* (1931/2006) assinalou como primeiro fator e acima de tudo, o ciúme da menina de outras pessoas, como de irmãos, e, inclusive do pai. Segundo ele, o amor infantil é ilimitado, não se contenta com menos que tudo, portanto há uma exigência de posse exclusiva. Além disso, para ele, este amor infantil, não tem na realidade, objetivo, o que o torna incapaz de obter satisfação completa e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil.

Prosseguindo em suas reflexões, descreveu que outro motivo, muito mais específico nas meninas, para o afastamento de sua mãe, surge do efeito do complexo de castração, quando a mesma descobre que não tem pênis. Segundo Freud, numa ocasião ou noutra, sabendo-se que é natural existirem irmãos ou outros meninos ao seu redor, a menina se depara com sua própria deficiência, por ver um órgão genital masculino, e, é apenas com hesitação e relutância que aceita esse desagradável conhecimento.

Para Freud, invariavelmente, a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; e somente mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e adultos. Além disso, quando a menina vem a compreender a natureza geral desta característica, de não possuir um pênis, é daí, que discorre a feminilidade e com ela, naturalmente, sua mãe vem a sofrer uma grande depreciação a seus olhos.

Mais adiante nos escritos sobre *Feminilidade* (1933 [1932]/2006) encontramos um prosseguimento das considerações de Freud acerca dos motivos que, levavam ao afastamento da menina de sua mãe, e mais uma vez, enfatizou o ciúme da menina de outros irmãos, e novamente considerou a descoberta da castração como motivo específico das meninas. Nesses escritos, assinalou que o complexo de castração nas meninas se inicia quando as mesmas se deparam com os genitais do menino, sendo que a partir daí se sentem injustiçadas e se tornam vítimas da inveja do pênis. Segundo Freud, a menina quase sempre considera a mãe, responsável pela sua falta do pênis.

Em continuidade, na descrição dos motivos que levavam a menina ao afastamento de sua mãe, Freud, assinalou que esta acusaria a mãe de ter lhe dado pouco leite, ou seja, de que não a amamentou o suficiente. Para Freud, a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno.

Outra fonte, segundo Freud, como razão bastante para fazer com que a filha se afaste de sua mãe, é a proibição da masturbação do clitóris no período fálico. Sobre isso, assinalou que devido às atividades maternas, concernentes à higiene corporal da criança, foi a mãe quem inevitavelmente estimulou e até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da filha; mais tarde no período fálico, estas meninas, geralmente descobrem por si próprias esta atividade fálica característica, a masturbação do clitóris. Não obstante, geralmente é a própria mãe, ou substituta, quem proíbe a menina de tal atividade prazerosa com os genitais. Sendo assim, este acontecimento pode tornar-se motivo para a menina rebelar-se contra a mãe, e o ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre, desempenha, grande papel em seu desligamento desta vinculação.

Podemos concluir, juntamente com Freud, em sua análise de toda gama dos motivos apresentados para o afastamento da mãe ao final da primeira fase de ligação com a filha, que: a mãe compeliu a filha a partilhar o amor com os outros, mas, nunca atendeu às expectativas de amor desta menina; a mãe falhou em fornecer a menina o pênis, único órgão genital correto; a mãe não amamentou a filha o suficiente, e, finalmente, foi quem primeiro despertou a atividade sexual da menina e depois a proibiu.

Freud considerou o afastamento da mãe, como um passo extremamente importante no desenvolvimento da menina, uma vez que se trata de algo bem mais do que uma simples troca de objeto. Para ele, juntamente com o desligamento da menina de sua mãe, impõe-se uma segunda tarefa, à qual a menina está incumbida; a saber, abandonar a zona genital original, o clitóris, em favor da vagina, e, com isso, encontrar o caminho para a feminilidade. Constatou que na primeira fase, a menina viveu até então de modo masculino, geralmente conseguindo

obter prazer da excitação do seu clitóris, que é órgão análogo ao masculino, e conserva essa atividade em relação a seus desejos sexuais dirigidos à mãe, que são geralmente ativos.

Entretanto, em *Sexualidade Feminina* (1931/2006) segundo Freud, as primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe, são naturalmente de caráter passivo, sabendo-se que geralmente, é a mãe quem é responsável pela amamentação, alimentação, limpeza e vestimenta, da criança, além de ensinar-lhe, a desempenhar todas as suas funções. Segundo Freud, uma parte da libido continua aferrando-se a essas experiências passivas e desfruta das satisfações a elas relacionadas; outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade.

Desse modo, os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais através das quais a criança passa. De acordo com Freud, podemos observar que em todo campo de experiência mental, não simplesmente no da sexualidade, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa, sendo levada a tentar fazer o que acabou de ser feito a ela.

Semelhante a isso, apontou que também o brincar das crianças é realizado para servir ao fim de suplementar uma experiência passiva com um comportamento ativo, e desse modo, por assim dizer, anulá-la. Freud ilustrou este pensamento explicando que quando um médico abre a boca de uma criança, apesar da resistência dela, para examinar-lhe a garganta, essa criança, após a partida daquele, brincará de ser o médico ela própria e repetirá o ataque com algum irmão ou irmã menor que esteja tão indefeso em suas mãos quanto ela nas mãos do médico. Outro exemplo é da menina, que em seu brincar com a boneca, realiza de forma indireta seus desejos ativos, quando a mesma representa a mãe, e a boneca, a filha.

Na primeira fase, segundo Freud, a atividade sexual da menina culmina na masturbação clitoriana e provavelmente acompanhada por ideias referentes à mãe. Para o mesmo, é possível perceber o objetivo sexual da menina, com a chegada de um irmão ou irmã, em que a menina, tal como o menino, deseja crer que deu à mãe o novo bebê. Para o mesmo, a reação da menina frente a este acontecimento, e sua conduta, é exatamente a mesma que a do menino, de caráter ativo.

Segundo Freud, o afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento da menina, pois ao lado desse processo, é possível ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e ascensão dos passivos. Apesar disso, assinalou que mesmo que neste processo, as tendências ativas fiquem mais intensamente afetadas pela frustração, por revelarem-se totalmente irrealizáveis e prontamente abandonadas pela libido, as tendências passivas tampouco escapam ao desapontamento.

De acordo com Freud, a descoberta da castração, faz com que a menina queira abandonar o seu prazer sexual advindo do clitóris, sendo que a partir daí, abrem-se para a mesma três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, e a terceira, finalmente, à feminilidade normal.

No que diz respeito à saída que conduz à inibição sexual ou à neurose, Freud descreveu que a menina, pela influência da inveja do pênis, perde o prazer que obtinha da sua sexualidade fálica. Para ele, neste momento o amor próprio da menina é modificado pela sua comparação com o equipamento muito superior do menino, e em consequência disso, renuncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe, e, ao mesmo tempo, não raro reprime uma boa parte de suas inclinações sexuais em geral. Para Freud, o desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter do pai. Desse modo, o mesmo considerou a descoberta da castração, como marco decisivo no crescimento da menina.

Contudo, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê. Sendo assim, um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo. A partir daí, a hostilidade da menina contra sua mãe que não precisa ser novamente criada, agora se intensifica muito, de vez que a mãe se torna sua rival, e esta menina recebe do pai tudo que deseja. Para Freud, nas meninas, a situação edipiana é o resultado de uma evolução longa e difícil, uma espécie de solução preliminar, uma posição de repouso que não é logo abandonada, especialmente porque o período de latência não está muito longe para esta menina.

Na distinção do processo Edipiano entre menino e menina, o mesmo assinalou que o complexo de Édipo no menino, faz com que este, deseje a mãe e queira eliminar seu pai, por ser ele um rival. Evoluindo naturalmente da fase de sexualidade fálica, é que a ameaça de castração impele-o a abandonar essa atitude, sob a pressão do perigo de perder o pênis. Neste caso, o complexo de Édipo é abandonado, reprimido e, na maioria dos casos, inteiramente destruído.

Na menina, é o complexo de castração é que prepara a mesma para o complexo de Édipo, processo oposto ao que ocorre no menino. A menina, em vez de destruir o complexo de Édipo, é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta lhe fosse um refúgio. As meninas

permanecem no complexo de Édipo por um tempo indeterminado, destroem-no tardiamente, e, ainda assim, de modo incompleto.

Freud assinalou que a fase pré- edipiana tem nas mulheres, uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Desse modo, segundo o mesmo, muitos fenômenos da vida sexual feminina, podem ser integralmente explicados por referência a esta fase, como por exemplo, o fato de muitas mulheres escolherem os seus maridos conforme o modelo do pai, e não obstante repetem com eles, em sua vida conjugal seus maus relacionamentos com as mães. Neste sentido, o marido, ao invés de ser o herdeiro do relacionamento da filha com o pai, torna-se herdeiro do relacionamento de sua mulher com a mãe. Freud explicou que o relacionamento da mulher com a mãe, foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele.

Concluiu em suas análises que a atitude hostil da filha para com a mãe não é só consequência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase pré- edipiana, que simplesmente foi reforçada e explorada na situação edipiana. Para Freud, talvez seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa. Segundo o mesmo, nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra, ou seja, o amor e o ódio se contrabalançam mutuamente.

CAPÍTULO 03: O AMOR-ÓDIO E A DIMENSÃO NARCÍSICA NA RELAÇÃO MÃE E FILHA.

De acordo com Freud em *Sexualidade Feminina (1931-2006)*, nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra. Para o mesmo, é exatamente em consequência dessa ambivalência; juntamente com os outros fatores descritos por ele, no decorrer do desenvolvimento do complexo de Édipo; que a filha se afasta a força de sua ligação à mãe, mais uma vez, isto é, em consequência de uma característica geral da sexualidade infantil. Desse modo, torna-se possível dizer que a intensa ligação da menina à mãe, é fortemente, marcada por sentimentos de amor e ódio.

É sabido, que Freud considerou como motivo crucial para o afastamento da menina de sua mãe, o fato desta, não ter dado à filha um pênis. Ressaltou que, embora o afastamento da mãe inaugure um momento importante no desenvolvimento da menina, por abrir caminho para a feminilidade, é igualmente acompanhado por manifestações diretas de hostilidade, devido a menina nunca perdoar sua mãe por não ter lhe dado um órgão correto. Dos vários motivos apresentados por Freud, para explicar o afastamento da menina de sua mãe, o mesmo deixou explícito, que não obstante, pareceram insuficientes para justificar a hostilidade final da menina.

Podemos dizer que é desta fresta do pensamento freudiano, que encontramos fundamentações e sustentações teóricas no livro *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade, de Marina Ribeiro (2011)*, em que a mesma tratou em extensa pesquisa empreendida em sua tese de doutorado, os delicados percursos emocionais envolvidos na trajetória bebê- menina- mulher, e assinalou que, assim como Freud havia suspeitado, é possível encontrarmos outras sustentações das origens verdadeiras, da hostilidade da filha para com sua mãe.

Para esta autora, a hostilidade final da filha, não parece ser o fato de a mãe não ter oferecido um pênis a ela, mas por não haver um pênis entre ambas. Não existir um corpo e um órgão masculino, que possam ser oferecidos como apoio psíquico a uma diferenciação; um apoio anatômico como proteção diante do risco fusional. Apontou a hipótese de que a mudança no sentimento da intensa paixão para a hostilidade deve-se a tentativa de diferenciação psíquica entre mães e filhas. Para ela, a mútua identificação entre mãe e filha, e o fato de ser uma identificação sobre o selo narcísico do idêntico, exige um esforço maior no delineamento do eu feminino. Sendo assim, paradoxalmente, o uso da hostilidade como

recurso psíquico de diferenciação, também poderia aprisionar pelo ódio, transformando-se numa tentativa naufragada de separação entre mãe e filha.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego (1921/2006)* Freud assinalou que a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa e desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Nestes escritos, Freud, descreveu o mecanismo de identificação do ponto de vista do menino, assinalando que ao mesmo tempo, ou, pouco depois da identificação do menino com o pai, começa a se desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe. A partir de então, apresenta dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual e direta para com a mãe e uma identificação com o pai que ele toma como modelo. Os dois laços subsistem lado a lado por algum tempo e em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se, e, o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. Por fim, o menino nota que o pai se coloca em seu caminho, em relação à mãe, sua identificação com ambos assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe.

No que se refere ao modelo identificatório da menina, em *Feminilidade (1933 [1932]/2006)* encontramos referência de Freud, apontando que a identificação de uma mulher com sua mãe permite-nos distinguir duas camadas: a pré edipiana, sobre a qual se apoia a vinculação afetuosa com a mãe, e, esta é tomada como modelo, e a camada subsequente, advinda do complexo de Édipo, que procura eliminar a mãe e tomar-lhe o lugar junto ao pai.

Contudo, Freud destacou que a fase da ligação afetuosa pré-edipiana, é decisiva para o futuro de uma mulher. Segundo ele, durante a fase pré-edipiana, é que são feitos os preparativos para a aquisição das características que mais tarde levarão a menina a exercer seu papel na função sexual, e a realizar suas inestimáveis tarefas sociais. Além do mais, é também nesta identificação que a menina adquire aquilo que constitui motivo de atração para um homem.

Podemos concluir com a descrição de Freud, sobre a construção da identificação em meninos e meninas com as referências geralmente, do pai e da mãe, que o fato da mãe ser ao mesmo tempo objeto de amor e polo de identificação para a menina, torna o processo identificatório mais complexo para a mesma, se compararmos com o que foi apresentado para os meninos.

Sobre este aspecto, segundo *Marina Ribeiro (2011)*, a menina parece ter uma maior dificuldade em relação ao menino na construção de sua identidade separada de sua mãe, devido ao fato de seu objeto primário fazer parte de uma relação entre semelhantes, portanto, para a mesma, com características homoeróticas.

Podemos dizer que, para esta alusão da autora, de que para ela, a dificuldade que a menina encontra na construção de sua identidade, está relacionada à sua ligação primária com a mãe, por elas formarem pares iguais, a mesma se debruçou na articulação com o pensamento de vários autores Psicanalistas contemporâneos que ao desenvolverem novas compreensões sobre a feminilidade em Psicanálise, se aprofundaram em analisar a importância da fase pré-edipiana na constituição da vida mental. Percebemos que foram diferentes conceitos apontados pela autora, mas apresentavam em comum, a ideia da ligação primordial materna, como base fundamental para a constituição psíquica infantil para ambos os sexos.

Neste sentido, a mesma faz uma explanação da origem e desenvolvimento de conceitos como Identificação feminina primária (Paulo de Carvalho Ribeiro), homossexualidade primária (Jaqueline Godfrind), posição feminina primária ou fase de feminilidade (Melanie Klein), e o materno primário e o feminino primário (Florence Guignard) com recorte no pensamento de cada um desses autores escolhidos por ela, para discutir e iluminar o conceito específico da trajetória feminina.

Consideramos todos os conceitos que a autora apresentou para articulação e para sustentação de sua suposição foram imprescindíveis. Porém, destacamos aqui a concepção de *Identificação feminina primária* no pensamento de *Paulo de Carvalho Ribeiro (2000)*, sendo este um dos conceitos que a autora enfatizou ter constituído como alicerce para argumentação do objetivo de sua pesquisa e, sobretudo, por esta conceituação trazer nova leitura e grande importância para o conceito de Identificação, que já vem sendo abordado neste capítulo.

Segundo o pensamento de *Paulo de Carvalho Ribeiro (2000)*, podemos atribuir à identificação, uma função central na instauração da feminilidade primária de meninos e meninas. Para o mesmo, a feminilidade primária, é a primeira representação de passividade do bebê, diante do adulto sedutor. É por meio dos cuidados corporais com o bebê e suas sensações sinestésicas que se dá a identificação com a feminilidade da mãe. Desse modo, o encontro, entre mãe e seu bebê, é marcado pelo arcaico, pela inscrição corporal.

De acordo com o autor, a identificação feminina primária, dá-se no primeiro tempo do recalçamento secundário, que é o momento anterior à diferença anatômica entre os sexos; momento de gozo sem oposição e sem diferenças. É um gozo entre a mãe e o seu bebê, no

entanto, sem a marca da diferença e da individuação, há dois, mas não são experienciados como dois. Já no segundo tempo do recalçamento secundário, na visão deste autor, está o caráter sexuado, cindido, de oposição, que se dá a partir da diferença entre os sexos e conseguinte constatação do desejo da mãe pelo pai.

Desse modo, concomitantemente ao surgimento da identificação feminina primária recalçada, e em oposição a ela, surgem as identificações masculinas femininas, responsáveis pelo aparecimento da identidade de gênero. Para o autor, se levamos em conta apenas o aspecto normativo dessas identificações podemos dizer que a identificação feminina tanto da menina como a do menino se organizam em torno de três eixos principais distintos.

Na menina, primeiro ocorre a constatação de pertencer ao mesmo sexo e ao mesmo gênero que a mãe; depois a descoberta da natureza orifical e penetrável da vagina; e, o terceiro, a descoberta do pênis paterno como órgão penetrante, desejado e valorizado pela mãe. Já no menino, o primeiro eixo ocorre com a constatação de pertencer a um gênero e sexo diferentes da mãe; o segundo a suspeição da natureza orifical e penetrável do órgão que nas mulheres ocupa o lugar do pênis; e, por fim o terceiro, a descoberta do desejo da mãe pelo órgão, que o identifica com o pai.

De acordo com *Marina Ribeiro (2011)* a partir da descrição de *Paulo Carvalho Ribeiro*, sobre vicissitudes identificatórias distintas entre meninos e meninas torna-se possível observarmos algumas especificidades no modelo identificatório do menino, como por exemplo, no primeiro eixo que o pênis é comprovado como órgão que o diferencia da mãe. Segundo ela, este pode ser um refúgio identificatório a partir do dado anatômico, e sua representação psíquica desta dupla mãe-filho.

A autora admitiu que, para além de sua suposição, de que a presença do pênis pode ser um facilitador para diferenciação entre o menino e sua mãe, ainda, é possível observarmos na obra de Paulo C. Ribeiro, que a posse do órgão masculino, sujeita o menino a outros desafios psíquicos, como por exemplo, o desejo de castração, desejo este, que intenciona uma volta a um estado não diferenciado com a mãe: a identificação feminina primária. Desse modo, a luta do menino pela desidentificação com a mãe, também é árdua e repleta de desafios psíquicos.

Encontramos nas observações de Freud em *Feminilidade (1933 [1932]/2006)* constatações de que a relação da mãe com seu filho é mais livre de ambiguidades, pelo fato da mulher, como mãe de um menino, estar finalmente de posse de um pênis. *Marina Ribeiro (2011)* concordou com tal colocação de Freud, com a ressalva de que para a mesma a hostilidade entre uma mãe e seu bebê menino seja menor, talvez, em decorrência de uma

possibilidade psíquica da mãe, de apreciação da alteridade sexual que representa um filho do sexo masculino. Para ela, um filho é um outro, e não um mesmo para a mãe. Outro aspecto que para a autora, justificaria a observação de Freud, é o fato de que o menino terá como referência identificatória, predominante o pai e que esta identificação é secundária.

Referindo-se às meninas, *Marina Ribeiro (2011)*, assinalou que, a constatação de pertencer ao mesmo sexo e ao mesmo gênero da mãe, para ela, é justamente, o campo propício para confusões identificatórias na representação psíquica inconsciente da dupla mãe-filha. Para esta autora, a hostilidade entre mães e filhas pode ser compreendida como o representante do trabalho psíquico de se estabelecerem fronteiras identificatórias, constantemente ameaçadas pelo fato de mãe e filha pertencerem ao mesmo gênero.

Para esta autora a hostilidade então, não seria somente tributada ao fato da mãe não ter oferecido um pênis para sua filha, como Freud teria expressado em *Feminilidade (1933 [1932]/2006)*, mas seria em decorrência do desejo de possuir um refúgio, por meio de um apoio anatômico, para uma identidade separada da mãe.

Ainda sobre a mesma constatação de Freud em *Feminilidade (1933 [1932]/2006)* sobre as acusações da filha dirigidas à mãe pela ausência do pênis, *Marina Ribeiro(2011)*, lançou mais um olhar sobre esta descrição e assinalou que poderia ser considerada uma teoria tranquilizadora e organizadora. Para esta autora, há um pênis, reclamado e invejado, entre a mãe e filha, que as protege de um risco de afogamento identitário.

Neste sentido, a situação edípica, para a menina pode ser um refugio da relação especular com a mãe, se ali houver abrigo, ou seja, se existir um pai seguro, um porto seguro. Para a mesma, um pai confiável é aquele capaz de apreciar a feminilidade de sua filha, e também de reconhecer e aceitar a interdição dessa relação. O pênis, o pai, ou a função paterna, se fazem como uma boia salva-vidas, ou melhor, salva eus. Representa o movimento na direção do que se projeta para fora, o que lança o eu na sua externalidade e representabilidade.

Finalizando seu pensamento, a autora assinalou ter encontrado ao longo de suas investigações, duas funções e dois sentidos para a hostilidade entre mães e filhas. A primeira função e sentido, a compreensão da hostilidade como o que resta do desejo onipotente de ser um com a mãe. A segunda função e sentido, promover um distanciamento, e, dessa forma, garantir um território próprio, uma individualidade.

A autora defende a ideia que a hostilidade exacerbada e protetora entre mães e filhas parece ser mais favorecida por um terreno narcísico sutilmente mais escorregadio. Para ela, se os filhos são em parte projetos narcísicos dos pais, entre os pares identificatórios, este

investimento narcísico necessário pode sofrer um tipo de descompensação, levando a excessos ou ausências, propiciadoras de formações psíquicas que podem ser patológicas. Neste caso, na dupla mãe e filha ainda há um elemento a mais: o fato de ser a mãe o objeto de identificação tanto primário quanto secundário.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre os conceitos Psicanalíticos descobertos e elaborados por Freud, percebemos que o mesmo trouxe contribuições decisivas às concepções já existentes em sua época, sobre a sexualidade humana. O seu anúncio, sobre a existência de uma sexualidade infantil, e a inscrição da sexualidade no registro das representações psíquicas inconscientes, tornou-se um marco revolucionário para a teoria da sexualidade humana. Acreditamos que a partir daí, abriu-se caminhos para novas proposições a fim de superar o paradigma biológico vigente da ocasião.

Assinalamos que Freud, ao trazer a sexualidade para o campo pulsional, promoveu uma ruptura na concepção hegemônica da sexualidade com seu viés exclusivamente biológico. Ao acolher o discurso histórico, desviante dos conceitos filosóficos e científicos da sua época, inscreveu a sexualidade humana no registro do pulsional, permitindo-nos pensar, hoje, a diferença entre os sexos como um devir, que não depende apenas da biologia e da anatomia.

É inegável que o momento inaugural da clínica Psicanalítica deu-se em torno da tentativa de cura de mulheres e seus sintomas históricos. Podemos afirmar que desde os primórdios, na história da Psicanálise, o feminino sempre se fez presente. Para além das paralisias históricas, foi a mulher quem revelou a Freud, no fazer clínico, o mistério dos sofrimentos psíquicos e conseqüentemente suas fantasias. Na tentativa de compreender a situação traumática inscrita pelo sexual dessas mulheres, ele chegou a postulações fundamentais da teoria Psicanalítica.

Desse modo, acreditamos que, ao abrir espaço para as mulheres falarem partindo dos seus sintomas, expondo suas fantasias e desejos eróticos, e, na tentativa em compreender a sexualidade feminina que era à margem da produção do saber e da cidadania da época, Freud ofereceu novo sentido à subjetividade feminina, apesar, de ter se deixado influenciar pelos ideais de feminilidade da sua época, uma vez que cunhou suas concepções do ponto de vista masculino.

É sabido que Freud, para explicar o Édipo tomou como referência, a criança do sexo masculino. Mesmo quando demonstrou que o seu foco estava em trabalhar as conseqüências psíquicas e não a diferença anatômica, o mesmo fundamentou sua teoria sobre a ideia de uma superioridade masculina representada pela posse do pênis e inferioridade da mulher pela falta do mesmo.

Constatamos, das elaborações de Freud, que o complexo de Édipo, articulado ao complexo de castração, constitui-se em um processo com efeito simbólico no desenvolvimento da sexualidade infantil, sendo que aí estão em jogo os processos de identificação e da diferença sexual. De certo, que, inicialmente, tais processos não estão estabelecidos, sendo necessário um trabalho psíquico para tornar-se homem ou mulher.

Apesar de considerarmos que Freud fundamentou a sexualidade feminina num registro biológico, quando atribuiu à mulher uma posição de castrada e movida pela inveja do pênis, concomitantemente, acreditamos que também foi ele quem abriu caminho para novos conceitos sobre a feminilidade atualmente. Na medida em que se deparou com a complexidade da ligação pré-edipiana da menina à sua mãe, e na tentativa de uma compreensão das especificidades da sexualidade feminina, deixou cunhado em seus escritos questões tais como a dependência pré-edipiana primária da mãe nas experiências infantis de meninos e meninas, a sedução materna para meninos e meninas, a bissexualidade originalmente presente nas crianças tanto para meninos como para meninas, a desconstrução da ideia de passividade para meninas e atividade para meninos. Podemos dizer que o mesmo deixou brechas que possibilitam outras leituras e avanços em sua teoria por Psicanalistas contemporâneos.

Desse modo, acreditamos que no emergir dos pensamentos pós-freudianos, sobretudo, concebendo a ideia de que o inconsciente e a pulsão são historicamente adquiridos e indissociáveis do mundo humano e da comunicação inter-humana, atualmente, assim como nos tempos de Freud, a clínica continua em permanente movimento. A questão do feminino, incluindo aí, a relação mãe-filha, ainda não cessou de ser ponto crucial que persiste em suscitar novas indagações e novas produções de pensamento que promovam diferentes leituras da metapsicologia Freudiana.

Assim, contrapor-se aos pressupostos de Freud, à dominância falocêntrica de sua teoria, não significa colocar em cheque a fidelidade ao mesmo, mas sim reconhecer que ele trabalhou sobre as consequências de uma repressão sexual excessiva, produto da moral burguesa de sua época. Significa reconhecermos que as transformações socioculturais produzem mudanças na subjetividade contemporânea, principalmente levando-se em conta grandes mudanças, conquistas de autonomia e liberdade das mulheres desde a época de Freud até os tempos de hoje.

É fato que as mulheres da atualidade estão assumindo, cada vez mais, múltiplos papéis na sociedade, para além da maternidade e isso têm suscitado grandes modificações sociais, culturais, relacionais, e, sobretudo, têm ocasionado novas demandas psíquicas que impõem

transformações urgentes nos fazeres clínico bem como em novas leituras e formulações da Teoria Psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1896). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume III, pp. 141-158). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume VII, pp. 163-189). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XI, pp. 67-73). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XIV, pp. 77-110). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XVIII, pp. 115-120). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1931). Sexualidade feminina. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XXI, pp. 231-233). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1933). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XXII, pp. 113-135). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (publicado originalmente em 1932).
- Freud, S. (1940). Esboço de Psicanálise. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume XXIII, pp. 153-157). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (publicado originalmente em 1938).
- Freud, S. (1950). Estratos dos documentos dirigidos a Fliess. In J. Strachey (Ed.) J. Salomão (Trad.), Obras completas (volume I, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (publicado originalmente em 1892-1899).
- Laplanche, J. (1985). Vida e morte em Psicanálise. In C. Mourão e C. Santiago (Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Laplanche, J. (1992). Novos Fundamentos para a Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. (publicado originalmente em 1987).
- Ribeiro, M. (2011). De mãe em filha: a transmissão da feminilidade. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, P.C. (2000) O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta.